

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NUMA ZONA RURAL PORTUGUESA: ESTUDO DIALETOLÓGICO

Maria Celeste Nunes¹, Paulo Osório²

Resumo

O presente trabalho pretende contribuir para um conhecimento mais pormenorizado de determinadas características linguísticas sujeitas a mudança nos falares populares da área geográfica do concelho do Fundão (Portugal), à luz das contribuições da Sociolinguística Variacionista e da Geografia Linguística. Privilegiando-se, assim, uma abordagem sociolinguística, pretendemos descrever uma variedade do Português Europeu contemporâneo: o falar ou variedade da Beira-Baixa, e, em particular, do Concelho do Fundão. É, deste modo, nosso objetivo explicitar as circunstâncias em que determinados fonemas são espontaneamente produzidos, avaliar a frequência de realização de variáveis linguísticas previamente selecionadas e detetar a sua distribuição em função de grupos sociais diversos.

Através das quarenta e três entrevistas aplicadas, caracterizaremos os seguintes fenómenos: a monotongação do ditongo *ei*; a palatalização de /u/ em [y]; a palatalização condicionada de /a/ em [ɛ]; a palatalização do /o/ proveniente da monotongação do antigo ditongo [ow] em [ø]; a labialização da vogal /e/ em [œ].

Palavras-Chave: *Variação, Sociolinguística, Fenómenos Fonético-Fonológicos.*

Abstract

This paper aims to contribute to a more detailed knowledge of certain linguistic features subject to change in the popular dialects of the geographic area of the municipality of Fundão (Portugal), in the light of the

*contributions of Variationist Sociolinguistics and Linguistics Geography. Favoring thus a sociolinguistic approach, we intend to describe a variety of contemporary European Portuguese: the falar (dialect) or variety of Beira Baixa, and in particular, of the Municipality of Fundão. It is therefore our goal to explain the circumstances under which certain phonemes are spontaneously produced, to assess the frequency of pre-selected linguistic variables and to detect their distribution according to different social groups. Through the forty-three interviews applied, we shall characterize the following phenomena: the monophthongization of the diphthong *ei*, the palatalization of /u/ into [y]; the conditioned palatalization of /a/ into [ɛ], the palatalization of /o/ from the monophthongization of the old diphthong [ow] into [ø]; the labialization of the vowel /e/ into [œ].*

Keywords: *Variation, Sociolinguistics, Phonetic-Phonological Phenomena.*

INTRODUÇÃO

A variação linguística, ou seja, o facto de um mesmo signo se apresentar sob formas divergentes, dependendo do tempo, espaço e grupo em que é verificado, representa um traço característico de qualquer língua natural, histórica e viva, sendo o fenómeno tão mais perceptível quanto a língua em questão for pouco instrumentalizada, estandardizada ou normalizada. Embora de aceitação generalizada e reconhecida, as variações a que as línguas estão naturalmente sujeitas só, tardiamente, se tornaram objeto de análise científica. Assim, as mudanças relacionadas com o tempo (variação diacrónica), as primeiras a chamar a atenção dos

¹ Doutora em Letras (Linguística Portuguesa) pela Universidade da Beira Interior, Covilhã (Portugal).

² Professor Associado com Agregação (Linguística Portuguesa) da Universidade da Beira Interior, Covilhã (Portugal). Investigador do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

investigadores, apenas nos finais do século XVIII se tornariam alvo de estudo metódico. Ainda assim, seria necessário chegar até à segunda metade do século XX para que as variações diafásicas e diastráticas passassem a fazer parte de pesquisas epistemológicas objetivas e rigorosas e surgisse, dessa forma, a Sociolinguística, ciência que viria dar um contributo fundamental e inovador ao estudo das mudanças linguísticas em interação social.

O nosso estudo pretenderá levar a cabo uma caracterização de alguns fenómenos, nomeadamente a monotongação do ditongo *ei*; a palatalização de /u/ em [y]; a palatalização condicionada de /a/ em [ɛ]; a palatalização do /o/ proveniente da monotongação do antigo ditongo [ow] em [ø]; a labialização da vogal /e/ em [œ], numa zona rural de Portugal (Concelho do Fundão).

O concelho de Fundão localiza-se na Região Centro (Nomenclatura de Unidade Territorial para Fins Estatísticos³ de Nível II ou NUT II), sub-região da Cova da Beira (Nomenclatura de Unidade Territorial para Fins Estatísticos de Nível III ou NUT III) e no distrito de Castelo Branco. Ocupa uma superfície de 701,65 km², de aspeto grosseiramente triangular, compreendendo trinta e uma freguesias. É delimitado, a Norte, pelos concelhos de Covilhã e de Belmonte, a Noroeste pelo concelho de Sabugal, a Sudeste por Idanha-a-Nova, a Sudoeste por Oleiros, a Sul por Castelo Branco, a Leste por Penamacor e a Oeste por Pampilhosa da Serra, fronteiras que conferem às suas paisagens configurações muito ricas e diversificadas. Do ponto de vista da geografia humana, em 2008, data em que foram recolhidos os mais recentes dados estatísticos fornecidos pelo INE⁴, o concelho do Fundão apresentava um total de 30 867 habitantes⁵, sendo que, desses, apenas 3 750 se situavam na faixa etária entre os 0 e os 14 anos e, somente, 3 472 tinham entre 15 e 24 anos, para um total de 7 775 pessoas com idades de 65 anos ou mais. Verifica-se, dessa forma, segundo uma tendência que afeta não só Portugal mas também a globalidade dos países industrializados do hemisfério Norte, uma acentuada diminuição da população residente no concelho, tendência essa cujo início se situa na década dos anos 80 e se origina em fatores bem conhecidos e estudados, tais como os fluxos de migração (para as zonas litorais industrializadas, primordialmente), a emigração para países com maior taxa de industrialização e a baixa natalidade de que resulta, inevitavelmente, também o envelhecimento da população.

No século XII, aquando da sua integração no reino português, grande parte do território que constitui o atual concelho do Fundão encontrava-se intensamente despovoado e destruído e foi, conseqüentemente, entregue às Ordens Militares do Hospital e do Templo a propósito do

seu repovoamento. Nos finais do século XV, o Fundão descreve uma acentuada linha evolutiva, à qual talvez não seja alheia a fixação, no sítio, de algumas famílias hebraicas fugidas de Espanha após o édito de expulsão dos Judeus, promulgado em 1492 pelos Reis Católicos, Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Foram estes imigrantes que, ao criarem bairros importantes situados à volta da Rua da Cale (topónimo que significará *Rua do Encontro* ou *da Sinagoga*, em Hebraico), permitiram ao Fundão assumir-se, na época, como um relevante centro nas áreas comerciais, industriais e financeiras. Ainda hoje se encontram muitos nomes de cristãos novos nos habitantes da região. Uma prova incontestável da importância da comunidade judaica no Fundão é documentada através do relato de um episódio ocorrido a 22 de novembro de 1580, cujo processo, instruído pelo Santo Ofício, se encontra num texto original datado do século XVI⁶ e foi revelado a José Alves Monteiro em 1940, pelo então Diretor da Torre do Tombo, António Baião. A 19 de abril de 1988, um novo patamar histórico foi finalmente alcançado: o Fundão é elevado à categoria administrativa de cidade, juntamente com três outras vilas a que se geminou e com quem mantém um intenso intercâmbio cultural, escolar e desportivo: Marinha Grande, Montemor-o-Novo e Vila Real de Santo António.

Estipulada a *variedade da Beira Baixa* como parte integrante de uma região profundamente idiossincrática e que apresenta características peculiares bem definidas no conjunto dos dialetos portugueses continentais, selecionámos cinco fenómenos que considerámos realmente “muito significativos” para a delimitação e isolamento da área dialetal do Fundão. Se o primeiro traço selecionado abarca uma área territorial muito extensa, na qual se inclui, naturalmente, o concelho do Fundão, os três fenómenos seguintes caracterizam uma região marcada por uma forte individualidade, quer fonética quer lexical na opinião de Cintra, e que compreende parte da Beira Baixa e parte do Alto Alentejo. Curiosamente, os três fenómenos assinalados, que, nas palavras de Cintra, resultam de “uma evolução completamente anómala e isolada no panorama geral da fonética histórica hispânica” (Cf. Cintra, 1995: 53), aparecem associados uns aos outros, parecem ter tido um desenvolvimento paralelo e observam-se nas mesmas regiões do território português, quer sejam continentais quer insulares. O último dos traços fonéticos estudado encontra-se numa área geográfica menor, ainda que marcada, de igual modo, por uma forte personalidade própria. É o único fenómeno fonético que José Leite de Vasconcellos distingue explicitamente como distintivo do subdialeto do Fundão,

³ A Nomenclatura de Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS) foi estabelecida pelo decreto-lei n.º 244/2002 e pelo regulamento comunitário n.º 1059/2003, com as alterações introduzidas pelo regulamento comunitário n.º 105/2007.

⁴ Instituto Nacional de Estatística.

⁵ Estimativas Provisórias de População Residente – Portugal, NUTS II, NUTS III e Municípios – 2008, Instituto Nacional de Estatística, 2009.

⁶ *Inquisição de Lisboa*, livros 196 e 197, ano de 1580.

no trabalho publicado em 1901 (Cf. Vasconcellos, 1987: 80). São, assim, cinco as variáveis linguísticas destacadas e estudadas.

Quanto à monotongação do ditongo *ei*, ou, nas palavras de Cintra, “a passagem de *ei* a *e*”, o fenómeno é uma característica inovadora dos dialetos centro-meridionais na sua globalidade e verifica-se em toda a zona sul do território português, embora não tenha afetado a língua na sua variedade padrão⁷. Vasconcellos verifica a sua existência numa parte da região de Trás-os-Montes, na Beira Baixa e em toda a região Sul e explica a característica como um fenómeno de transição entre o português, que mantém o ditongo, e o espanhol, que monotonga. Para Paiva Boléo e Santos Silva, o fenómeno é um traço característico do *falar de Castelo Branco e Portalegre* assim como de todos os falares meridionais. Cuesta e Luz também o situam em parte do Centro de Portugal e no Sul do território continental, enquanto que, para Cintra, Saramago e Segura, a monotongação de *ei* é uma característica que predomina no Algarve, no Alentejo, em toda a região Sul e na Beira Baixa, mas também numa faixa ocidental da Estremadura. Os autores reconhecem o seu caráter distintivo e original uma vez que a isófona que corresponde à monotongação de *ei* serve de fronteira, dentro do grupo dos dialetos centro-meridionais, a uma unidade menor: o subgrupo dos dialetos *ribatejano-baixo beirão-alentejano-algarvio* ou do *centro-interior e sul*. Para o filólogo, este é também o traço fonético que a maioria dos falantes relaciona, de forma intuitiva, com os falares do sul do território português. No que respeita à palatalização de /u/ em [y], este é um traço específico e original na região em estudo. A distribuição geográfica do fenómeno compreende a Beira Baixa, o Alto-Alentejo, algumas zonas da Estremadura e o Barlavento Algarvio, quer para Vasconcellos que, numa nota de rodapé (Cf. Vasconcellos, 1987: 83, nota 9), rejeita a sua origem celta, quer para Cuesta e Luz que, também, situam a ocorrência do traço numa área que abrange a Beira Baixa, o Alto-Alentejo, alguns pontos da Beira Litoral e o ocidente do Algarve, quer, ainda, para Cintra, Saramago e Segura que certificam a singularidade do fenómeno ao estabelecê-lo como isófona para a demarcação do limite da *variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo*, embora não ocorra nessas áreas de forma uniforme, mas segundo um grau variável de acentuação. Assim, Cintra destaca, como pontos onde se observa um maior realce do fenómeno, Alcains, Oleiros e Ourondo, no que ao distrito de Castelo Branco diz respeito (Cf. Cintra, 1995: 156, nota 56). Quanto à palatalização condicionada de /a/ em [ɛ], em determinados contextos,

para Vasconcellos, este é um traço característico num extenso território da Beira Baixa e do Alto-Alentejo, embora também se observe em Ferreira d’Aves, Beira Alta, quando seguido de *m* ou *n*. Paiva Boléo e Santos Silva assinalam-no como sendo a principal característica distintiva do *falar de Castelo Branco e Portalegre* (Cf. Paiva Boléo e Santos Silva, 1962: 100). Cuesta e Luz situam a sua área de expansão na Beira Baixa e no Alto-Alentejo (Cf. Cuesta e Luz, 1971: 62) e Cintra, tal como considerou para o fenómeno de [u] palatalizado, observa a sua frequência “mais ou menos acentuada, conforme as localidades e os falantes” (Cf. Cintra, 1995: 156) dentro da *variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo*. Relativamente à palatalização do /o/ proveniente da monotongação do antigo ditongo [ow] em [ø], para Cuesta e Luz, este traço é peculiar “em parte da Beira Baixa, Estremadura e Alto-Alentejo”⁸ e Cintra também o considera como próprio da *variedade da Beira Baixa e Alto-Alentejo* (Cf. Cintra, 1995: 156). Quanto à labialização da vogal /e/ em [œ], este é um traço característico e marcadamente diferenciador do falar usado no concelho do Fundão. Dessa forma, é salientado por Vasconcellos, na *Esquise*⁹, por Cuesta e Luz em relação à *variedade da Beira Baixa*¹⁰ e também por Cintra, Saramago e Segura relativamente à *variedade da Beira Baixa e Alto-Alentejo*. É o único traço fonético apresentado como peculiar não de uma região mas de um local específico, o Fundão.

1 METODOLOGIA

A necessidade de constituição de um *corpus* original surgiu do facto de, ao empreendermos este estudo, nos depararmos com uma notável ausência de dados linguísticos disponíveis para a observação das questões fonéticas que nos propúnhamos abordar e especificamente centradas sobre o concelho do Fundão. Optámos, então, pela criação, recolha e tratamento de um *corpus* oral que pudesse fundamentar e auxiliar o trabalho que se pretendia desenvolver.

Segundo Rodrigues (2003), entre os diferentes tipos de recolha de dados suscetíveis de serem aplicados para a construção de um *corpus* linguístico, encontram-se os seguintes: (i) recolha em meios rurais ou urbanos (tal como as de âmbito dialetológico realizadas, em Portugal, por Vasconcellos ou Cintra, este último para o ALPI, ou as feitas, nos Estados Unidos, por Labov, para a concretização dos estudos *The Social Stratification of English in New York City* ou *Language in the Inner City*); (ii) recolha entre grupos sociais originais, como os que Labov selecionou para o estudo do inglês vernacular na cidade de Nova

⁷ Segundo Silva e Osório, “De qualquer modo, trata-se, igualmente, de uma inovação vinda do Sul, mas que, ao contrário da primeira, acabou por não afetar o Português padrão.” Cf. Silva e Osório (2008: 111).

⁸ “Em parte da Beira Baixa, Estremadura e Alto Alentejo, ou monotongou numa espécie de e labilizado...”. Cf. Cuesta e Luz (1971: 64).

⁹ Segundo Vasconcellos, “œ... e labialisé, par ex. dans *vœr* (Fundão).” Cf. Vasconcellos (1987: 80).

¹⁰ Para Cuesta e Luz, “Na Beira Baixa, o é fechado etimológico tende a velarizar-se.” Cf. Cuesta e Luz (1971: 62).

torque, ou entre os chamados “cidadãos comuns”; (iii) recolha entre grupos socialmente muito demarcados ou em grupos de relacionamento social muito diferenciado; (iv) recolha só de discurso livre (provocado ou não por uma única situação discursiva, um ou mais estímulos ou, alternativamente, apenas de leituras) ou, ainda, de diferentes tipos de discurso mais ou menos controlados (com questionário previamente elaborado e com ou sem leitura prevista); (v) recolha entre os habitantes de um determinado meio urbano ou rural ou entre os seus nativos; (vi) recolha dita “socialmente representativa”: recolha longitudinal num grupo reduzido ou num grupo etário e num determinado momento; (vii) recolha feita num grupo social muito fechado por um membro do próprio grupo (o tipo de entrevista que é menos afetado pelo chamado “paradoxo do observador”, uma vez que o entrevistador não aparece desenraizado do grupo em investigação).

Ponderadas todas estas possibilidades, a decisão tomada para a recolha empreendida foi a seguinte: recolha de uma única entrevista por informante, feita em meio predominantemente rural (apenas cinco dos quarenta e três entrevistados residem na cidade do Fundão), entre cidadãos comuns nativos ou residentes antigos (a fim de minimizar os riscos de interposição de outras variedades dialetais) de ambos os sexos, cobrindo várias profissões, idades e graus de instrução, embora com alguma predominância de reformados ou aposentados (pela probabilidade de ser neste grupo que se verificaria a ocorrência dos fenómenos em estudo) e escolarização básica. Os informantes alfabetizados foram sujeitos a vários testes de leitura (vocábulos isolados e textos de curta dimensão) e a parte do discurso informal obedeceu a um pequeno questionário previamente elaborado, embora se fossem intercalando algumas questões de discurso livre e se desse azo a situações discursivas livres, algumas vezes provocadas pelos próprios inquiridos (declamação de poesia, narrativa de lendas e histórias de vida, cantigas, entre outras).

Todas as entrevistas foram conduzidas por Maria Celeste Nunes. Geralmente, decorreram na ausência de terceiros e sem cortes. Algumas intromissões deveram-se ao grau de formalidade sugerida pela situação de entrevista (curiosidade de terceiros em relação aos objetivos do inquirido), às circunstâncias em que a mesma ocorreu (as entrevistas em Alcaria foram realizadas durante um magusto comunitário, o que é perceptível na gravação) e ao facto de a mesma ser gravada. As entrevistas decorreram primordialmente nos meses de julho, outubro e novembro de 2010, tendo sido percorridas quinze (15) freguesias dispersas¹¹ da área administrativa do concelho do Fundão: Donas, Capinha, Alcaria, Vale de Prazeres, Fundão, Salgueiro,

Aldeia Nova do Cabo, Freixial, Alcaide, Alcongosta, Póvoa da Atalaia, Soalheira, Silvares, janeiro de Cima e Aldeia de Joanes¹². Foram contactados, ao todo, quarenta e três informantes diferentes. Os inquiridos decorreram, ainda, nos mais diversos ambientes sociais e físicos.

As entrevistas seguiram sempre uma idêntica estrutura, embora fatores como o cenário, o tópico da conversa, o tipo de tarefa linguística a realizar, a natureza dos intervenientes ou as relações de poder entre entrevistado e entrevistador tivessem levado a alterações e a alguns reajustamentos pontuais: questionário prévio incluindo questões relativas à identificação do informante – dados pessoais, escolares e profissionais –, ao seu posicionamento face ao local onde vive e à forma como aí se fala – dados locais e linguísticos; leitura simples de palavras isoladas abrangendo as variáveis linguísticas selecionadas e sua contextualização fonética, apresentadas em fichas individuais de papel plastificado; enumeração dos dias da semana, meses do ano e contagem até ao algarismo catorze; leitura de uma lenga-lenga conhecida (“Era uma vez um gato maltês...”) e perguntas de resposta livre e aberta. De início, o questionário ainda incluía um segundo texto, com uma extensão e um grau de dificuldade maior, mas, por se revelar de leitura difícil e demorada, foi excluído logo a princípio.

Para além das respostas obtidas pela aplicação do questionário, procedeu-se ainda, e de forma sistemática, à recolha de discurso espontâneo, constituído por conversas livres em que os inquiridos descreveram atividades tradicionais, acontecimentos da sua vida pessoal e local, usos, festas religiosas, receituário tradicional. Estas narrativas, que permitem a observação e análise de fenómenos sintáticos, morfológicos e fonéticos, contribuem também para a clarificação de aspetos etnolinguísticos relacionados com os temas auscultados. A entrevista foi construída no sentido de obtenção de registos gradualmente mais formais, mediante a introdução de testes de dificuldade crescente. Alguns informantes, entusiasmados com uma situação que pensaram ter um carácter mais mediático, chegaram ao ponto de declamar versos, contar lendas e descrever episódios, o que em muito enriquece o material recolhido e poderão, eventualmente e de futuro, ser utilizados para estudos de índole diversa.

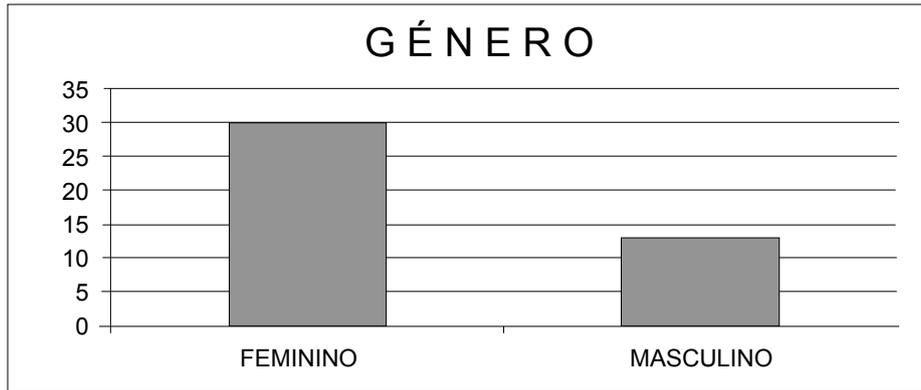
Os informantes, em maior número mulheres do que homens, foram indivíduos nascidos na localidade em estudo ou aí residentes em permanência ou por um largo período de tempo, considerados representativos do falar local, de idade raramente inferior a 50 anos. A grande maioria tem um nível de instrução básico (primeiro ciclo ou antiga escola primária), sendo uma minoria analfabeta.

A distribuição dos 43 informantes entrevistados reparte-se segundo os gráficos aqui apresentados:

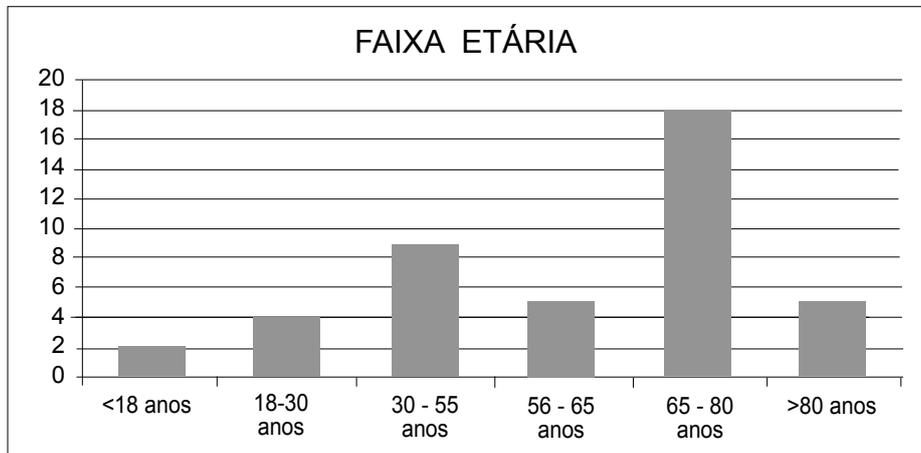
¹¹ Uma das preocupações que norteou a constituição do corpus foi a dispersão e diversidade geográfica. As entrevistas foram, assim, realizadas em pontos cardeais diversificados do concelho do Fundão.

¹² As freguesias são aqui mencionadas pela ordem em que foram visitadas.

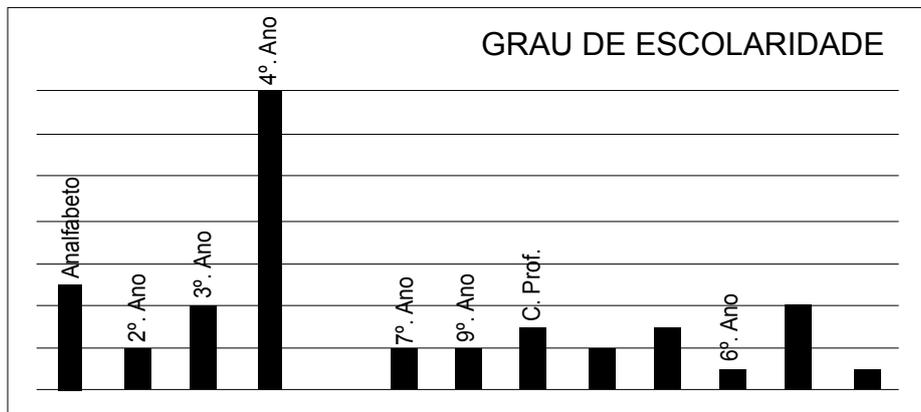
(i) em função do gênero:



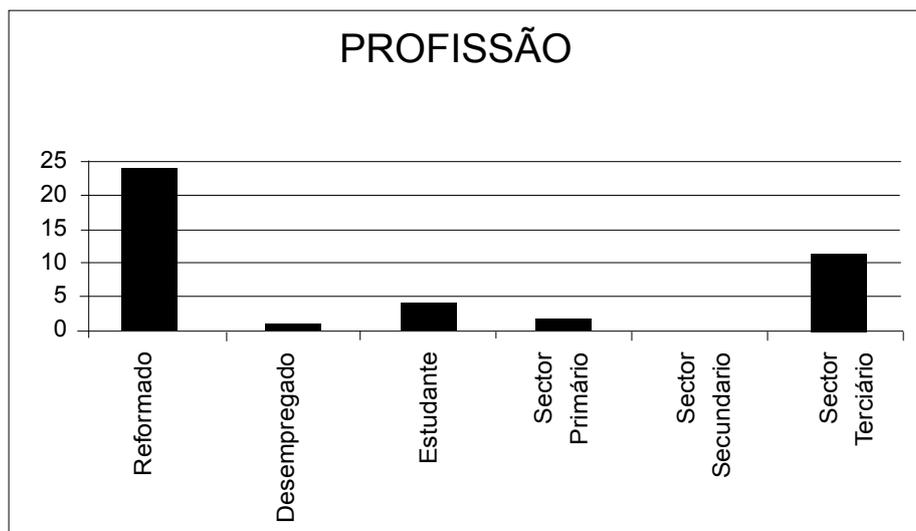
(ii) em função da faixa etária:



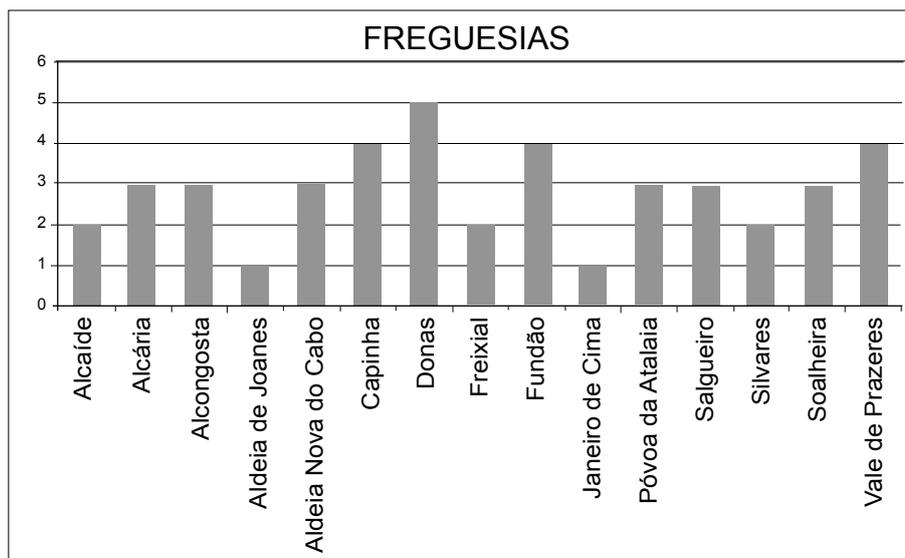
(iii) em função do grau de escolaridade:



(iv) em função da profissão exercida:



(v) em função da freguesia habitada:



Da análise dos gráficos apresentados, depreendem-se alguns desníveis: (i) número superior de mulheres entrevistadas (69,77%) relativamente aos homens inquiridos (30,23%). A explicação reside no facto de o género masculino ser tendencialmente mais recatado, breve e introvertido, recusando de forma mais imediata e perentória submeter-se a entrevista espontânea; (ii) idades variando entre os 16 e os 87 anos, com predomínio da classe entre os 60 e os 80 anos de idade (20, ou seja, 46,51% dos entrevistados encontram-se nesta faixa etária). A opção por este universo

foi, no entanto, determinada, uma vez que a expectativa de atualização dos fenómenos considerados relevantes era maior num grupo etário mais avançado. Para além disso, o processo permitia observar falantes de diferentes idades, comparar os seus hábitos linguísticos e daí deduzir a natureza e a direção da mudança linguística em análise, ou seja, captar mudanças em progresso através da análise da distribuição de variáveis linguísticas em diferentes e sucessivas faixas etárias. Daí, a seleção de alguns inquiridos mais novos, que, ainda assim, nunca tivessem vivido fora do

concelho do Fundão (7 entrevistados estiveram nestas condições, ou seja, 16,27% do universo selecionado). A este método Labov chamou de estudo *em tempo aparente*. É claro que a opção predominante pelo grupo etário mais avançado nos trouxe alguns problemas não previstos ainda que previsíveis, sobretudo relacionados com problemas de denteição e de audição; (iii) predominância de pessoas com escolaridade básica (4º ano ou antiga 4º classe). Esta característica decorre naturalmente da anterior, pois, ao selecionar informantes tendencialmente mais idosos e que correspondem ao perfil tradicional de informantes sugeridos pela metodologia da Geografia Linguística, acabámos também por escolher inquiridos com um grau de escolarização inferior; (iv) superioridade de reformados por oposição ao grupo populacional ainda ativo; (v) preponderância do setor terciário na classe ativa auscultada. Este dado tem, no entanto, de ser relativizado uma vez que a maioria dos reformados desenvolveu a sua atividade laboral no setor primário (agricultura). O único dado que, ainda assim, apresenta alguma regularidade é a residência, uma vez que 21 entrevistados, ou seja, 48,84%, afirmaram já ter vivido fora do concelho, enquanto que 51,16% (22 pessoas) têm no Fundão a sua residência fixa e permanente, embora alguns deles tenham já habitado em várias outras freguesias do concelho. No universo selecionado, as discrepâncias entre as freguesias escolhidas para aplicação do questionário também não são relevantes (dois a cinco informantes por freguesia, havendo apenas Aldeia de Joanes e Janeiro de Cima a destacar-se, com um informador apenas). Tentámos não percorrer todas as freguesias do concelho, o que seria moroso e talvez não significativo, mas abranger as diversas áreas geográficas em que se ele se divide (oriental, setentrional, norte e sul), assim como integrar zonas urbanas – cidade do Fundão, vilas de Silvares e da Soalheira – e zonas rurais – todas as outras freguesias.

Ao todo foram recolhidas quarenta e três entrevistas, perfazendo um total de 640 minutos e 57 segundos de gravação, ou seja, 7 horas, 20 minutos e 57 segundos.

2 ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DAS VARIÁVEIS

Tendo em conta os cinco fenómenos fonéticos previamente selecionados, no tratamento dos dados obtidos através das quarenta e três entrevistas aplicadas, verificámos o seguinte: (i) a monotongação do ditongo *ei*, que passaremos doravante a denominar de *fenómeno 1* ou FEN. 1, verifica-se de forma sistemática (quer isto dizer regularmente, havendo equilíbrio e constância entre as situações ou questões consideradas formais ou mais dirigidas, e que, por isso mesmo, acarretavam um grau de cuidado linguístico superior no falante, e as situações com menor grau de formalidade ou discurso livre) em 39,53% dos informantes

e com oscilações (ou seja, verificando-se variação entre as situações sentidas como dirigidas e as situações livres em que há lugar a menor cuidado linguístico por parte do falante) em 30,23% dos entrevistados. Assim sendo, pudemos apurar que o fenómeno se atualiza em 69,76% dos inquiridos, se considerados todos os informantes em que o traço ocorre; (ii) a palatalização de /u/ em [y], ou FEN. 2, verificou-se de forma constante em 13,95% dos informantes e com oscilações noutros 13,95%, o que equivale a um total de 27,90% dos entrevistados; (iii) a palatalização condicionada de /a/ em [ɛ] - FEN. 3 - atualizou-se em apenas quatro dos informantes, ou seja, 9,3% dos inquiridos, não podendo ser registado o seu carácter sistemático ou esporádico pela baixa frequência com que o fenómeno foi produzido. Este foi, dos cinco fenómenos selecionados, o que ocorreu numa percentagem mais baixa de falantes; (iv) a palatalização do /o/ proveniente da monotongação do antigo ditongo [ow] em [ø], ou *fenómeno 4* ou FEN. 4, foi verificada em 51,16% dos inquiridos de forma sistemática e com oscilações em 18,6%, o que perfaz um total de 69,76% dos informantes; (v) a labialização da vogal /e/ em [œ], FEN. 5, ocorreu de forma constante em 53,48% dos entrevistados e com flutuações em 23,25%, ou seja, verifica-se que 76,74% dos informantes labializam a vogal /e/.

Se tomarmos em atenção não cada um dos fenómenos linguísticos *per si* mas a sua conjugação no mesmo falante, verificamos ainda o seguinte: (i) os cinco traços selecionados não se encontram, em simultâneo, em nenhum dos informantes; (ii) quatro fenómenos são usados concomitantemente por 14 informantes, o que equivale a 32,55% da amostra; (iii) em 15 inquiridos, ou seja, 34,88%, constata-se a presença de três fenómenos em simultâneo; (iv) dois fenómenos fonéticos são empregues por três dos informantes apenas, o que equivale a 6,97% da amostra; (v) a presença de apenas um dos fenómenos é comprovada em dois falantes, ou seja, 4,65% do universo entrevistado. Foi ainda possível verificar a ausência total de qualquer traço característico em 9 informantes, o que corresponde a 20,93% da amostra. Conforme se pode comprovar pela seguinte tabela:

Soma dos diferentes fenómenos fonéticos	Nº	%
0	9	20,93%
1	2	4,65%
2	3	6,97%
3	15	34,88%
4	14	32,55%
5	0	0%

Os dados também mostram que uma percentagem importante dos falantes inquiridos usa em simultâneo três traços fonéticos diferentes; uma parte assinalável emprega quatro dos fenómenos seleccionados e um número representativo de indivíduos não atualiza qualquer fenómeno entre os previamente escolhidos. Interessante é também verificar que: (i) nos casos em que os informantes fazem uso de apenas um fenómeno fonético, é sempre o fenómeno 5 (labialização da vogal /e/ em [œ]); (ii) quando há lugar à atualização de três fenómenos fonéticos diferentes, verifica-se, em 100% dos casos, a ocorrência dos fenómenos 1, 4 e 5 em conjugação, ou seja, a monotongação do ditongo *ei*, a palatalização do /o/ proveniente da monotongação do antigo ditongo [ow] em [ø] e a labialização da vogal /e/ em [œ]; (iii) quando um falante apresenta quatro dos traços seleccionados em simultâneo, em 78,57% dos casos conjugam-se os fenómenos 1, 2, 4 e 5, ou seja, a monotongação do ditongo *ei*, a palatalização de /u/ em [y], a palatalização do /o/ proveniente da monotongação do antigo ditongo [ow] em [ø] e a labialização da vogal /e/ em [œ], havendo apenas três casos – 21,43% das situações verificadas – em que se conjugam os fenómenos 1, 3, 4 e 5, ou seja, a monotongação do ditongo *ei*, a palatalização condicionada de /a/ em [ɛ], a palatalização do /o/ proveniente da monotongação do antigo ditongo [ow] em [ø] e a labialização da vogal /e/ em [œ].

Da análise dos dados obtidos, constatamos ainda que: (i) nos casos em que o falante apenas realiza um dos fenómenos, que é sempre o fenómeno 5, essa atualização é produzida, em 100% dos casos verificados, com oscilação, o que revela no informador alguma insegurança linguística e desejo ou esforço para atualizar a norma padrão; (ii) quando há lugar a duas realizações, em 66,66% dos casos, há, aqui também, oscilação no falante. Será interessante, na secção seguinte, cruzar estes dados com o perfil social e pessoal do informador para verificar se daí advém alguma correlação.

Finalmente, e partindo da observação dos cinco fenómenos em simultâneo, podemos ainda concluir que os fenómenos 4 e 5 são os que mais se atualizam nos informantes entrevistados, havendo lugar a alguma vitalidade também na realização do fenómeno 1. Os fenómenos 2 e 3 parecem, quanto a eles, estar a desaparecer nas produções dos inquiridos, sendo essa ausência mais notada no caso do fenómeno 3.

ALGUMAS NOTAS CONCLUSIVAS

Pelos dados obtidos e pelo cruzamento de variáveis linguísticas e extralinguísticas, concluímos que:

(i) relativamente à variável idade, os informantes que somam mais características têm acima de 65 anos (nessa faixa etária, 21 dos 23 falantes entrevistados, ou seja, 93,30%, atualizam entre 3 ou 4 fenómenos; só um dos in-

quiridos é que não realiza qualquer traço). Por outro lado, os informantes com idade inferior a 35 anos são os que menos atualizam fenómenos, havendo apenas 1 em 8 (12,5%) que realizou dois dos traços seleccionados;

(ii) no que respeita à variável profissão, a quase totalidade dos reformados, que correspondem a 55,81% da amostra, realiza 3 ou 4 fenómenos. Todos os estudantes não atualizam qualquer fenómeno e os informantes oriundos do setor primário realizam todos quatro traços fonéticos. Os inquiridos que trabalham no setor terciário são os mais se dividem e apresentam taxas variáveis de atualização mista das características seleccionadas;

(iii) quanto à variável residência, esta parece ser irrelevante. Os entrevistados atualizam vários fenómenos quer tenham ou não residido fora do concelho (34,89% dos informantes realizam 3 ou 4 fenómenos independentemente de terem contactado com outras variedades dialetais ou não);

(iv) relativamente à variável género, esta parece também ter pouca relevância. Os entrevistados atualizam vários fenómenos fonéticos independentemente do género a que pertencem, embora os homens pareçam dominar sobre as mulheres (60% dos informantes femininos atualizam 3 ou 4 fenómenos para 92,30% dos entrevistados masculinos). Na realidade, estes números explicam-se pela circunstância de a amostra masculina ser muito reduzida, logo pouco significativa. Por outro lado, o facto de haver 9 mulheres a não realizar qualquer fenómeno também se deve ao facto de seis terem idade inferior a 35 anos para apenas um elemento masculino nessa faixa etária;

(v) quanto à variável grau de escolaridade, os informantes que atualizam mais fenómenos apresentam graus de escolaridade mais baixos (sem escolarização ou com frequência até ao 3.º ciclo do ensino básico); pelo contrário, são os entrevistados com mais estudos que realizam menos fenómenos, ou até mesmo nenhum.

A análise dos dados e o cruzamento de variáveis mostram claramente que quem oscila menos nas suas realizações linguísticas são os reformados, com idades acima dos 65 anos, os estudantes que têm menos de 35 anos, e os trabalhadores do setor primário que têm entre 35 e 65 anos. Estes informantes atualizam a língua sempre da mesma forma, produzindo ou não os fenómenos em estudo. Por outro lado, os inquiridos com mais inseguranças demonstradas são também os reformados, acima dos 65 anos, e os empregados do setor terciário que têm entre 35 e 65 anos. Pensámos que os índices de variação linguística verificados nestes dois grupos se prendem quer com o contexto (situação formal e de gravação) em que a entrevista decorreu quer com a consciência que os falantes têm da forma como atualizam o sistema que usam e da existência de uma outra variedade com o valor de língua padrão e realizações divergentes das suas.

Verificamos também que os grupos que menos oscilam são os que têm uma escolarização ao nível do ensino

secundário ou universitário e, simultaneamente, menos de 35 anos (estudantes na sua maioria ou empregados dos serviços) e os que, tendo acima de 65 anos (reformados portanto), não são escolarizados ou têm uma escolaridade básica. Os que mais insegurança revelam têm uma escolarização básica e entre 35-65 anos ou acima de 65 anos, dados que corroboram em absoluto os constatados anteriormente e nos permitem, em consequência, concluir que: (i) o informador que não oscila nas suas realizações fonéticas ao nível dos cinco fenómenos escolhidos é estudante (nunca atualiza os fenómenos) ou reformado (realiza-os sempre), tem menos de 35 anos ou acima de 65 e uma escolarização superior ou inexistente; (ii) o entrevistado que oscila nas suas realizações fonéticas e as modifica é empregado do setor terciário ou reformado, têm acima de 35 anos e uma escolarização básica. O género e a residência, permanente ou interrompida, no concelho não são dados considerados relevantes para o perfil traçado.

Em suma, da análise feita podemos, ainda, retirar algumas conclusões: (i) a “profunda alteração de timbre de todo o sistema vocálico, principalmente do tónico” (Cintra, 1995: 155) que, segundo o linguista, caracteriza a *variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo* ainda se verifica nos falares do concelho do Fundão, sendo que as cinco variáveis linguísticas selecionadas gozam aí de uma vitalidade oscilante (FEN. 1, 4 e 5 atualizam-se com um grau de frequência que ronda os 70% dos inquiridos, o que é considerado bastante significativo; FEN. 2 com um grau de frequência inferior a 30%, e FEN. 3, com uma realização abaixo dos 10% dos informantes, são, pelo contrário, variáveis que se encontram em fase de desaparecimento); (ii) o grupo mais idoso e socialmente mais desfavorecido mostra-se mais conservador, dado que atualiza todas as variáveis em estudo. As causas a apontar podem situar-se ao nível do analfabetismo ou reduzida escolaridade; (iii) as variáveis linguísticas selecionadas são inexistentes em alguns grupos etários. Assim, no grupo com idades inferiores a 35 anos, verificámos que apenas FEN. 1 e FEN. 4 se atualizam só num informador e de forma irregular (com oscilações na sua produção). As camadas mais jovens mostram-se, desta forma, mais próximas da língua padrão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLÉO, Manuel de Paiva *et al.* (1962) - “Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental”. In *Boletim de Filologia*, XX, pp. 85-114.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1995) - “Enquêtes au Portugal pour l’Atlas linguistique de la Péninsule Ibérique”. In *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, p. 17-20.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1995) - “Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico”. In *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, p. 35-54.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1995) - “Sobre o interesse humano do estudo dos dialetos e falares regionais”. In *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, p. 7-16.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1995) - *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1995) - “Nova proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses”. In *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, p. 117-163.
- LABOV, William (1966) – *The Social Stratification of English in New York City*. Washington D.C.: Center for Applied Linguistics.
- LABOV, William (1972) - *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*, Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press.
- RODRIGUES, Maria Celeste Matias (2003) – *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SEGURA DA CRUZ, Maria Luísa (2004) - “O Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores – Dados para uma classificação dos dialetos açorianos”. In *Estudos Dialectológicos e Geolinguísticos sobre o Português*. Campo Grande: Editora da UFMS.
- SEGURA DA CRUZ, Maria Luísa *et al* (2001) - “Variedades dialetais portuguesas”. In *Caminhos do Português: Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas* [Catálogo]. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- SILVA, Jaime e OSÓRIO, Paulo (2008) – *Introdução à História da Língua Portuguesa, dos Fatores Externos à Dinâmica do Sistema Linguístico*. Chamusca: Edições Cosmos.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1897) - *Mapa Dialectológico do Continente Português*. Lisboa. Consultado em maio 2010 em http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/etnologia/opusculos/vol04/opusculos04_791_796.pdf.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar e MENDES DA LUZ, Maria Albertina (1971) – *Gramática Portuguesa*. Tomo I. Madrid: Gredos.